#NACOPAVAITERLUTA

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR NÚMERO 480 ▸ DE 14 A 27 DE MAIO DE 2014 ▸ ANO 17

R$ 2

Lutas e greves entram em campo

12 de junho: vamos pra rua!

A questão do poder e os anarquistas
Página 14

Jair Rodrigues: Upa, neguinho!
Página 15

Zé Maria: pré-candidatura realiza seminário de programa
Página 16

■ **'CURA GAY' VOLTOU 1 -** Arquivado em julho de 2013 o projeto de lei que autoriza a chamada "cura gay" voltou a tramitar no mês passado na Câmara dos Deputados. A proposta foi encaminhada à Comissão de Direitos Humanos, onde aguarda designação de relator.

■ **'CURA GAY' VOLTOU 2 –** O texto, protocolado pelo deputado Pastor Eurico (PSB-PE), derruba resolução de 1999 do Conselho de Psicologia que proíbe tratamentos destinados a "reverter a homossexualidade".

#TÔCOMZÉMARIA

O jornal Diário do Grande ABC entrevistou Zé Maria, metalúrgico e pré-candidato à presidência da república pelo PSTU. Zé fala que, para mudar as condições do povo brasileiro e por fim a pobreza, é preciso começar a mudar a política econômica aplicada no país há décadas, tanto pelo PSDB quanto pelo PT. Seria preciso romper com os banqueiros e grandes empresários para governar, verdadeiramente, para os trabalhadores, investindo em saúde, educação, transporte, moradia e reforma agrária. *"O governo precisa tomar vergonha na cara. Parar de assinar decreto para ajudar as empresas e baixar medida provisória para evitar demissões. Ele deu mais de R$ 27 bilhões para as empresas"*, diz Zé Maria na entrevista.

PÉROLA

"Não sou a favor das 40 horas e as centrais (sindicais) sabem disso

PRESIDENTE DILMA , em reunião com representantes das principais empresas do setor de varejo (Agência Estado, 9/05)

PAGOU, LEVOU!

Segundo levantamento da Folha de S.Paulo, as construtoras bancaram 75% das doações ao PT. Em 2013, R$ 60 milhões dos R$ 79,8 milhões doados ao Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores vieram de empresas construtoras, entre elas Camargo Corrêa, Odebrecht e Queiroz Galvão. Os 10 maiores doadores, que além das construtoras incluem grandes grupos como a JBS Friboi, somam quase R$ 70 milhões. O que move essas empresas é o interesse em ter governos que atuem em seu favor. Não apenas visando favorecimento nos contratos públicos, mas, também, em troca de uma política econômica que as beneficiem e mantenham os seus privilégios.

LATUFF

ERICSSON CONDENADA POR HOMOFOBIA

No último dia 7, foi divulgada a sentença favorável a uma ação movida pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (SP) contra a Ericsson em que ficou comprovado que o metalúrgico Maximiliano Neves Galvão foi vítima de assédio moral e homofobia no seu local de trabalho. A juíza Maria da Graça Barbosa reconheceu que o trabalhador sofreu discriminação em função de sua orientação sexual por parte de gerentes e supervisores. Os testemunhos prestados no processo evidenciam as humilhações e perseguições sofridas pelo funcionário. Maximiliano conta que foi alvo de discriminação na presença de superiores e nenhuma providência foi tomada a respeito. A decisão serve de exemplo para que outras pessoas não se calem e denunciem qualquer tipo de discriminação sofrida.

"SEXTA" BÁSICA

No dia 9 de maio, trabalhadores fizeram uma grande passeata pelas vias de Belém, interditando o trânsito e fazendo arrastões nas obras. O ato foi chamado pelos participantes da "Sexta-feira da cesta básica". Belém tem a sétima cesta básica mais cara do país, custando R$ 310, como aponta o Dieese-PA, que também estima o custo da alimentação de uma família de quatro pessoas em R$ 900. O salário mais baixo dos operários é o do cargo de servente, de R$ 773. Mais de 65% da categoria são serventes. O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil (STICMB) estima que grande parte desses serventes são os únicos provedores de suas famílias. O valor inicial para o benefício é de R$ 15. Cléber Rabelo, vereador do PSTU, denunciou que muitos são obrigados a trabalhar em horas extras nos finais de semana para conseguir alimentar suas famílias.

Ministério Público encaminha denúncia contra militantes do PSTU

MATHEUS GOMES, um dos militantes do PSTU e dos ativistas indiciados

Avança o processo de criminalização no Rio Grande do Sul. Nesse último dia 9, o Ministério Público encaminhou denúncia contra sete ativistas do Bloco de Lutas, incluindo dois militantes do PSTU: Matheus Gomes e Gillian Vinicius. Entre os denunciados pelo promotor de Justiça Luís Antônio Portela estão ainda um militante do PSOL e ativistas anarquistas.

A denúncia apresentada à 9ª Vara Criminal de Porto Alegre é completamente baseada em acusações falsas, que tentam incriminar os líderes dos protestos de junho passado em crimes como associação criminosa, depredação, saques e arremesso de fogos de artifício. Em caso de condenação, as penas somadas podem chegar a 20 anos de prisão.

O inquérito original ainda indiciava os militantes no crime de milícia privada, mas o promotor não encaminhou essa denúncia. *"Todo o inquérito se baseia no papel que os manifestantes cumpriram nas mobilizações, ao organizar as manifestações e defenderem publicamente alternativas para a questão do transporte público, ou seja, pelo papel político que cada um cumpriu durante as grandes mobilizações de junho"*, explica Matheus Gomes.

No dia 25 de março, a direção do PSTU-RS e Zé Maria, presidente nacional do partido, se reuniram com o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro (PT), denunciando o inquérito. O PSTU fez um alerta sobre os métodos da polícia para incriminar os ativistas, semelhantes aos da ditadura. Na ocasião, Tarso Genro foi obrigado a concordar que os crimes relatados pelo MP não constituíam "o modo de ação das organizações envolvidas", ao mesmo tempo em que tentava se justificar, dizendo que tinha condições limitadas de interferir no processo. Em todo caso, pediu para que se aguardasse o pronunciamento do Ministério Público.

Enfim, o MP se pronunciou e decidiu levar adiante essa farsa. É preciso que Tarso Genro e o governo Dilma se pronunciem sobre o caso. Podemos ter, em pleno governo do PT, militantes presos por lutarem.

A tentativa de criminalização, porém, não desanima os ativistas. *"Estou revoltado, mas não vou abaixar a cabeça! Precisamos do apoio de todos! Agora é hora de fortalecer a campanha contra a criminalização dos movimentos sociais em todo o país e fazer crescer nossa luta na rua"*, disse Matheus.

OPINIÃO SOCIALISTA
publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

EDITOR
Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO
Diego Cruz, Jeferson Choma, Raiza Rocha, Luciana Candido, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO
Romerito Pontes, Thiago Mhz, Victor "Bud"

IMPRESSÃO
Gráfica Lance
(11) 3856-1356

CORRESPONDÊNCIA
Avenida Nove de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000
Fax: (11) 5581.5776
e-mail: opiniao@pstu.org.br

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL

Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - maceio@pstu.org.br | pstual.blogspot.com

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310, Bairro Pacoval. Tel. (96) 3224.3499 | macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Manicoré, 34 - Cachoeirinha
CEP 69065100

BAHIA

SALVADOR - Rua Santa Clara, nº 16, Nazare. pstubahia@gmail.com
pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ

FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056
fortaleza@pstu.org.br

JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL

*BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br
pstubrasilia.blogspot.com*

GOIÁS

GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt. 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753 | goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo.
(98) 8812.6280/8888.6327
saoluis@pstu.org.br
pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto.
(67) 3331.3075/9998.2916
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001
bh@pstu.org.br | minas.pstu.org.br

BETIM - (31) 9986.9560

CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724

ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647

JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro.
pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.

UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629 | uberaba@pstu.org.br

UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ

BELÉM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro Marco. Tel: (91) 3226.6825
belem@pstu.org.br

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nóbrega, 117 Bairro Castelo Branco (83) 241-2868 | joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ

CURITIBA - Av. Vicente Machado, 198, C. 208. Centro

MARINGÁ - R. Tal. 397 Sala 11 Centro. Sarandi. PR (44) 9063-2770 | (44) 9944-2375

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410
pernambuco@pstu.org.br
www.pstupe.org.br

PIAUÍ

TERESINA - R. Quintino Bocaiúva 421. teresina@pstu.org.br
pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br | rio.pstu.org.br

MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.

DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro. d.caxias@pstu.org.br

NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro. niteroi@pstu.org.br

NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151

NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira

NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro

VALENÇA - sulfluminense@pstu.org.br

VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado.
(24) 3112.0229 | sulfluminense@pstu.org.br | pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL - Rua Leticia Cerqueira, 23. Travessa da Deodoro da Fonseca. (entre o Marista e o CDF) - Cidade Alta. (84) 2020.1290. Gabinete da Vereadora Amanda Gurgel: (84) 3232.9430. natal@pstu.org.br. psturn.blogspot.com

RIO GRANDE DO SUL

*PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 - Porto Alegre. (51) 3024.3486/3024.3409
portoalegre@pstu.org.br
pstugaucho.blogspot.com*

GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105 - Morada do Vale I. (51) 9864.5816

PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180

SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722

SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831
floripa@pstu.org.br

CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579
pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO - saopaulo@pstu.org.br

CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604

ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080

ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170

ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893

BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com

CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990 (19) 3201.5672 | campinas@pstu.org.br

GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484

MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530

PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032

RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Elíseos. (16) 3637.7242 | ribeirao@pstu.org.br

SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 | saobernardo@pstu.org.br
pstuabc.blogspot.com

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista (12) 3941.2845 | sjc@pstu.org.br

EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara (11) 4149.5631

SUZANO - (11) 4741.1365
suzano@pstu.org.br

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas (79) 3251.3530 | aracaju@pstu.org.br

Convocação do time de luta para o dia 12 de junho!

O mal-estar geral sentido pelos trabalhadores com a inflação em alta, o endividamento crescente das famílias e os serviços públicos deteriorados abrem espaço à mobilização. Os trabalhadores estão literalmente entrando em campo com seus métodos radicalizados de luta!

Nos últimos dias, várias categorias entraram em greve: rodoviários, construção civil, professores, funcionalismo de todas as esferas, metalúrgicos da Imbel (fábrica de armas) e muitos outros. A exemplo dos garis, que realizaram uma greve em pleno carnaval, agora outros trabalhadores prometem ir para a luta em plena Copa do Mundo da FIFA! Para isso, estão dando um olé nos sindicatos pelegos e partindo para o contra-ataque.

Apesar da propaganda intensiva na TV para que os trabalhadores entrem no clima da Copa da FIFA, o que vemos até agora é que a disposição de luta está maior que a empolgação com os jogos. Até porque o povo pobre e trabalhador não terá dinheiro para pagar os ingressos caríssimos. Nem próximos dos estádios poderão ficar. Pelo contrário, nas regiões próximas às arenas, centenas de famílias foram removidas de suas casas. Além disso o preço dos aluguéis subiram muito, provocando uma onda de ocupações de terras e prédios pelo movimento popular.

A Copa da FIFA revelou aos trabalhadores a ganância das grandes construtoras e das grandes empresas, que pretendem ter lucros altíssimos com o megaevento à custa de trabalhadores. As inúmeras mortes dos operários que construíam os estádios, como o caso mais recente do jovem trabalhador Muhammad Ali, em Cuiabá, escancara a realidade de que, na Copa do Mundo da FIFA o povo está fora do jogo.

Por isso, no dia 12 de junho, quando irá acontecer o primeiro jogo da Copa, a escalação em que os trabalhadores serão os verdadeiros artilheiros é a da luta unificada de todas as categorias, movimentos populares e juventude para dar um cartão vermelho à FIFA, àsempreiteiras, aos banqueiros e às grandes empresas. Exigimos saúde, educação, transporte, moradia, salário e reforma agrária.

O governo Dilma, pra se beneficiar com os jogos tentou, mas não conseguiu impedir os protestos contra as injustiças da Copa do Mundo. O povo não é bobo, não se deixou enganar e luta em defesa de seus direitos enquanto cai a aprovação do governo e as intenções de voto em Dilma.

> Devemos fazer do dia 12 de junho um dia de mobilização que unifique as lutas. Várias categorias anunciam que se suas reivindicações não forem atendidas "na Copa vai ter greve"!

A oposição conservadora - o PSDB de Aécio e o PSB de Eduardo Campos - também não é alternativa. O povo já conhece a velha direita. Por isso eles não decolam nas pesquisas.

Nesse jogo de cartas marcadas, é preciso construir um terceiro campo, dos trabalhadores e da juventude que apresente um programa que atenda às vozes das ruas. É preciso construir uma alternativa operária e socialista nas lutas e nas eleições, por isso apresentamos a pré-candidatura do metalúrgico Zé Maria à *presidência da república*.

Devemos fazer, em 12 de junho um, dia de mobilização que unifique as lutas. Várias categorias anunciam que se suas reivindicações não forem atendidas "na Copa vai ter greve"! A classe trabalhadora percebe que, com a proximidade do mundial, é o momento de lutar para obter vitórias. Em um país em que a prioridade sempre são os banqueiros, os grandes empresários e o governo só está preocupado em aparecer para os investidores internacionais, a Copa será um momento privilegiado para mostrarmos que quem constrói as riquezas deste país e não é chamado para a festa da FIFA, não está dormindo. Entrou em campo para lutar por seus direitos.

Você está convocado para entrar em campo e dar um basta à inflação, aos baixos salários e às injustiças da Copa da FIFA. Vamos colocar o time dos lutadores em campo, unificar as lutas e tomar as ruas do nosso país! Vem pra rua! Na Copa vai ter luta! Nesse jogo, o resultado se decide nas ruas!

Lutas e greves entram em campo

Nosso time é dos trabalhadores em luta!

DA REDAÇÃO

Faltando poucos dias para o início da Copa, diversas categorias se mobilizam em paralisações ou greve em todo o país. Uma onda de greves atinge as mais diversas categorias: servidores públicos federais, trabalhadores da educação de diversos municípios, operários, trabalhadores do transporte coletivo, da construção civil, da limpeza urbana e aeroportos. A luta por moradia também tem se ampliado desde junho, assim como a repressão da polícia ao movimento popular.

Há quase um ano, o país foi sacudido pelas mobilizações de junho. Desde então, os trabalhadores e a juventude não pararam de lutar.

A inflação corroí o poder de compra dos salários. O aluguel nas alturas consome boa parte do rendimento familiar, e o endividamento dos trabalhadores não para de crescer. Porém, a vida dura de quem trabalha se choca com a enorme riqueza dos empresários e banqueiros e a farra com o dinheiro gasto na Copa. Esse é o cenário que envolve as greves e lutas que se espalham pelo país.

Apesar da ampla diversidade das categorias e suas pautas específicas, algo em comum em todas as lutas é o sentimento de que só a mobilização poderá conquistar vitórias.

Em muitos casos, as lutas começam com uma autêntica rebelião de base, o qual os trabalhadores saem na luta passando por cima dos sindicatos pelegos que ficam ao lado dos patrões. Confira abaixo o time dos trabalhadores que estão em luta.

1 Greve operária agita Cubatão

Mais de 15 mil operários rejeitam proposta da patronal e cruzam os braços

GABRIEL CASONI, de Santos (SP)

Cubatão, 5 de maio. Ao pé da grandiosa Serra do Mar, milhares de operários se concentram na refinaria Presidente Bernardes, da Petrobras. São trabalhadores da obra da nova unidade de diesel, petroleiros terceirizados e operários das empreiteiras instaladas no parque industrial da região. A multidão toma conta da avenida e não está para brincadeira: é hora de iniciar a greve geral da categoria.

Afinal, a proposta da patronal é uma provocação: 6% de aumento salarial, Participação no Lucros (PL) rebaixada e nenhuma melhora nas condições de trabalho. O sindicalista mal consegue terminar a leitura dos pontos, a indignação toma conta da massa. A proposta é rejeitada por unanimidade. Logo, o presidente do sindicato faz um alerta: *"para iniciarmos a greve é preciso respeitar as 72 horas de aviso legal, assim estaremos protegidos no tribunal"*. As vaias pipocam por todos os lados: os operários querem a greve imediatamente. *"Desde quando o tribunal ficou do nosso lado? É greve já"*, disse um trabalhador.

A REVOLTA OPERÁRIA

Em 7 de maio, a greve chega ao seu terceiro dia e atinge cerca de 15 mil trabalhadores de 37 empreiteiras. Na Vale Fertilizantes, nenhum terceirizado compareceu ao trabalho. Nas demais petroquímicas (Anglo American, Petrocoque, Carbocloro, etc.), o cenário é idêntico. A adesão espontânea e em massa à paralisação é generalizada.

Mas um fato chama atenção. Na refinaria, alguns pequenos grupos de pelegos e chefes conseguem furar o movimento. A multidão operária do lado de fora fica furiosa. Centenas de trabalhadores cercam as portas da unidade e exigem a retirada dos fura-greves. O clima esquenta. A massa vai invadir a refinaria? Apavorada com essa possibilidade, a direção da Petrobras fecha um acordo com o sindicato: nenhum terceirizado poderá entrar na empresa enquanto a greve for mantida. Assim, inusitadamente, a Petrobras se viu obrigada a "reforçar" o piquete do movimento.

OPERÁRIOS VERSUS PATRÕES

No dia 8, a patronal mantém a proposta e aposta no jogo duro. O tribunal do trabalho propõe 0,5% a mais de reajuste salarial. Novamente, os operários recusam a proposta e mantém a greve.

"Sem a gente nada funciona aí, o pessoal tá unido. Só não pode dar mole pra pelego. Vamos até o fim", explica um operário com segurança e tranquilidade. Esse é o ânimo de homens e mulheres que constroem a riqueza do país. Querem apenas uma vida digna e estão dispostos a batalhar por isso. E sabem contra quem lutam: os patrões e seus lambe-botas.

A GREVE CONTINUA

Mais uma vez, a CSP-Conlutas e o PSTU estão presentes em solidariedade ativa ao movimento. No dia 12, a proposta da patronal foi novamente rejeitada e a greve continua por tempo indeterminado. A batalha promete ser dura. Se os patrões se põem intransigentes na negociação, os trabalhadores se mostram firmes na greve. A peãozada quer a vitória, e não vai ser fácil derrotá-la.

2 Motoristas e cobradores

No dia 8 de maio, as cidades do Rio de Janeiro (RJ), Florianópolis (SC), Campinas (SP), municípios do Grande ABC (SP), Curitiba (PR) e Belém (PA) amanheceram com greves, paralisações ou protestos de motoristas e cobradores de ônibus.

No caso do Rio de Janeiro, a greve ocorreu contra a direção do sindicato pelego, que havia fechado um acordo com as empresas de ônibus sem consultar a categoria. A paralisação foi de 24 horas e atingiu cerca de 90% da frota dos 8.700 ônibus que circulam pela cidade cotidianamente.

Na pauta de reivindicações os grevistas exigem o fim da dupla função motorista-cobrador; salário de R$ 2.500 para os motoristas, R$ 1.400 para os cobradores e reajuste de 40% para demais funções; cesta básica de R$ 400 e jornada de trabalho de seis horas. A CSP-Conlutas está na greve dos rodoviários apoiando incondicionalmente sua luta.

A aliança da grande imprensa com os governos e o sindicato pelego tentaram desmoralizar a greve. Mas a população demonstrou apoio aos grevistas. Isso ocorre porque ninguém aguenta mais pagar R$ 3 por um serviço de péssima qualidade. Todos os dias, a população é refém de ônibus superlotados, que demoram horas para chegar aos pontos, e transportam os passageiros sem nenhuma segurança. São horas num trânsito infernal numa cidade em colapso.

Para solucionar a crise do transporte público, o PSTU defende o atendimento à todas as reivindicações dos trabalhadores rodoviários; a ampliação da frota de ônibus para melhor atender a população; a criação de novas linhas de ônibus para alcançar as áreas da cidade onde o serviço não chega; tarifa zero à toda população; estatização das empresas de ônibus sem nenhuma indenização à máfia do transporte.

3 Profissionais da educação

No Rio de Janeiro, os profissionais das redes públicas da educação estadual e municipal entraram em greve no último dia 12. As duas redes possuem 140 mil professores e funcionários. O piso do professor da rede municipal é de R$ 1.587. Os funcionários recebem de piso R$ 937. Na rede estadual, o professor recebe um piso de R$ 1.081 e o funcionário R$ 903. Os trabalhadores unificaram a pauta de reivindicações.

Em São Paulo, no dia 23 de abril os trabalhadores da educação do município entraram em greve por melhorias para a categoria. O governo Haddad (PT) segue a mesma política do Kassab e Serra. Destina verbas para a terceirização e convênios, paga a dívida pública e destina verbas para a Copa, mas diz que não há dinheiro para a educação.

A deliberação por greve saiu depois de inúmeras negociações sem acordo. Contrariando o compromisso assumido na greve do ano passado e desrespeitando os trabalhadores da educação, o governo apresenta uma proposta que desconsidera o conjunto da categoria, a carreira e os aposentados.

Após uma linda manifestação no dia 7 de maio que lotou a Avenida 23 de Maio, a categoria saiu mais fortalecida para as negociações, mostrando que a greve tem fôlego e que os educadores não permitirão o desmonte da educação pública.

Em Belo Horizonte, uma greve unificada dos profissionais da educação, servidores municipais, da administração, procuradoria e da limpeza urbana. A reivindicação é por aumento de 15% nos salários. A prefeitura de Marcio Lacerda (PSB) ofereceu um reajuste de apenas 5,4%. Os trabalhadores rejeitaram a proposta e deflagraram a greve.

4 Servidores públicos federais

No último dia 7, a categoria realizou um bloqueio na sede do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) e impediu que funcionários daquele órgão entrassem para trabalhar, inclusive o secretário de Relações de Trabalho no Serviço Público, Sérgio Mendonça. A força da mobilização obrigou o governo a convocar uma reunião com as categorias em greve, Fasubra e Sinasefe. Mendonça assumiu o compromisso de consultar as instâncias superiores para discutir a abertura de negociações até 22 de maio e apresentar uma resposta à categoria.

O protesto da categoria chegou a reunir aproximadamente 5 mil trabalhadores. *"A força da mobilização obrigou o governo a chamar a negociação com as categorias em greve, pois percebeu que os servidores que vieram de todos os cantos do país para Brasília estão com disposição de luta. Isso fortalece a nossa campanha e impulsiona as mobilizações nas diversas categorias"*, disse Paulo Barela, da CSP-Conlutas.

5 Movimento popular

No dia 8 de maio, em oito estados do país, ocorreram protestos por moradia. Em São Paulo, integrantes do MTST ocuparam sedes de três empreiteiras que participam da construção dos estádios. Dias antes, um terreno em Itaquera, próximo do estádio que vai abrigar a abertura da Copa, foi ocupado pelo movimento, formando a ocupação "Copa do povo".

Muitas ocupações estão enfrentando a mão dura da repressão lançada pelos governos. No dia 7, a Polícia Militar invadiu e reprimiu violentamente os moradores da Ocupação William Rosa, em Contagem (MG). As famílias foram surpreendidas com tiros de bala de borracha e bombas de gás lacrimogêneo, enquanto faziam uma assembleia. A PM, comandada pelo governo de Antônio Anastasia (PSDB), não tinha mandado legal. Tampouco o prefeito de Contagem, Calin Moura (PCdoB) tomou qualquer atitude para impedir a repressão, muito menos atua para resolver o problema da falta de moradia na cidade.

Como saldo do terrorismo provocado pela PM, dois moradores foram presos e passaram a noite inteira na delegacia e só foram liberados no dia seguinte. O Luta Popular de MG já contabilizou dez moradores feridos por estilhaços de bombas, balas de borracha e agressões com cassetetes.

Em ano de Copa do Mundo, quando bilhões escoaram para as empreiteiras para a construção de estádios, quem apanha é quem não tem onde morar. Mas a luta por moradia continua e enfrenta as tentativas de criminalizar os movimentos sociais.

No dia 12, trabalhadores vão para o ataque

SEBASTIÃO CARLOS 'CACAU', de São Paulo (SP)

Em vários estados já ocorreram plenárias e encontros para organizar as manifestações no dia 12 de junho, data da abertura da Copa.

Um encontro nacional chamado pela Articulação Nacional dos Comitês Populares da Copa também definiu por realizar as manifestações neste dia em unidade com todos os setores dispostos a lutar.

Entre as categorias de trabalhadores também estão sendo alinhados os calendários de mobilização, tendo o dia 12 de junho como data de referência. É, por exemplo, o caso do Fórum dos Servidores Federais.

A CSP-Conlutas realizará a reunião de sua Coordenação Nacional no final de semana que antecede o dia 12 de junho. Até lá, a Central e suas entidades filiadas vão apoiar, unificar e fortalecer as mobilizações em curso, canalizando para o dia 12 de junho os atos e manifestações de rua, em particular a manifestação na cidade de São Paulo, que abre o torneio.

Chega de dinheiro para banque saúde, educação, transporte, m

DA REDAÇÃO

Dia 8 de maio, quinta-feira. As obras da Arena Pantanal, em Cuiabá (MT), recebiam seus últimos acabamentos quando um operário recebeu uma descarga elétrica, caiu de uma altura de dois metros e morreu no local. O operário tinha o mesmo nome do lendário boxeador negro, *Muhammad Ali Maciel Afonso, e apenas 32 anos. O Ministério do Trabalho aponta indícios de que o jovem trabalhador não contava com equipamentos de segurança adequados e, além disso, atuava fora de sua função (de montador).*

Muhammad é o nono operário a perder a sua vida nas obras dos estádios da Copa. É mais uma vítima da ganância das grandes empreiteiras e da omissão do governo, que já despejou R$ 30 bilhões nas obras para os jogos e, ao mesmo tempo, permite a superexploração dos trabalhadores até o ponto em que questões de segurança são completamente ignoradas. É um exemplo da injustiça social em que vivemos e da opção do governo Dilma, a mesma que faz com que os serviços públicos estejam à míngua num momento em que bancos e empresas lucram como nunca.

Em todos os cantos do país, porém, a classe trabalhadora está se levantando, encabeçando verdadeiras rebeliões de base que, muitas vezes, atropelam seus sindicatos pelegos e vão à luta para melhorar de vida. Nas cidades, os sem-tetos ocupam prédios e se mobilizam por moradia digna. Nas periferias, por sua vez, o povo pobre se revolta contra a repressão e a violência da polícia, que promove uma verdadeira matança contra jovens negros. Categorias como o funcionalismo e os operários da Ambev ameaçam: na Copa vai ter greve. É preciso unificar essas lutas e chamar todos às ruas no próximo dia 12 de junho, início dos jogos do mundial.

Operários que trabalham na reforma do Castelão (CE).

Cresce um mal-estar entre a população

Se antes havia um clima predominante de otimismo e bem-estar no país, agora isso não é mais assim. O crescimento econômico acelerado de 2007 e 2008, acompanhado por um aumento na criação de empregos e crédito abundante, ficou para trás. O cenário, hoje, é de desaceleração, com um PIB (Produto Interno Bruto, a soma de todas as riquezas produzidas pelo país) quase parando. Isso porque, se num primeiro momento o governo conseguiu impedir que a crise internacional se transformasse numa recessão, abrindo os cofres e despejando bilhões aos bancos e empresas, hoje essa política econômica mostra seu esgotamento.

Novos empregos já não surgem como antes, a inflação corrói os salários e as dívidas das famílias crescem enquanto a torneira do crédito se fecha. Ou seja, esses elementos já não podem ser utilizados pelo governo para esconder a piora dos serviços públicos e a enorme injustiça social que faz com que haja, na prática, um país dos ricos e outro para os pobres.

CRISE INTERNACIONAL

A atual situação do país desmascara, ainda, o que o então governo do PT e parte da imprensa afirmavam: que o Brasil seria uma ilha de prosperidade em meio à crise econômica internacional. Quem não se lembra de Lula dizendo que a crise de 2008 não passava de uma "marolinha"?

A crise não só não era uma marolinha, como está longe de terminar. E arrasta o Brasil junto. Quando estourou a crise econômica, os governos, com os EUA à frente, seguido pela Europa, despejaram uma montanha de dinheiro sem paralelo na história, para evitar a quebra do sistema financeiro. Junto a isso, os trabalhadores pagavam a conta dessa crise com o desemprego e um rebaixamento dos direitos históricos e salários, aliado ao desmonte do que restava do Estado de bem-estar social, no caso da Europa.

Mas o que isso tem a ver com o Brasil? A crise no centro da economia capitalista afetou o comércio mundial, reduzindo a demanda por novos produtos. Com isso, a China, a "fábrica do mundo", diminuiu suas importações dos países mais importantes e, consequentemente, passou a comprar menos matérias-primas, sobretudo do Brasil. Essa espécie de engrenagem da economia capitalista, em que o Brasil se encaixava como fornecedor desses produtos, começou a parar e afetou o país. Diminuiu a demanda por matériasprimas, como soja e minério de ferro, ao mesmo tempo em que se reduziu, também, seu preço no mercado internacional. Em 2013, o país teve o menor superávit comercial (a diferença em valores de tudo o que o país importa e exporta) em 13 anos e 2014 começou com déficit (prejuízo).

O governo Lula, e depois Dilma, tentaram compensar isso com uma política de estímulo ao mercado interno. O crédito fácil, as obras do PAC (Plano de Aceleração do Crescimento), o Minha Casa, Minha Vida (que transfere bilhões às construtoras e não resolve o problema da moradia) fazem parte disso. Para viabilizar essa política, o governo reduziu impostos de empresas e ofereceu a elas bilhões do BNDES, como no caso das montadoras. Mas os capitalistas preferem investir seu dinheiro na especulação, ou, como as montadoras, remeter todo seu lucro para o exterior, do que investir aqui.

Mas se o imperialismo conseguiu impedir que a crise se transformasse numa depressão, ou seja, que a economia fosse de vez para o buraco, não conseguiu uma recuperação sustentável. Ao contrário, o mundo passa por um crescimento bastante lento. Com isso, aumenta a pressão do imperialismo e do sistema financeiro internacional sobre o Brasil. Ou seja, se reforça a exigência para um Superávit Primário (economia que o governo faz para pagar a dívida pública) maior e o aumento dos juros, que garantam uma espoliação ainda maior do país pelo sistema financeiro. Aumenta a pressão por mais subsídios, isenções, cortes nos direitos dos trabalhadores e toda sorte de facilidades para

os e empreiteiras! Por salários, radia e reforma agrária!

as multinacionais, como as montadoras, poderem lucrar e remeter mais recursos às suas matrizes.

Não é por menos que as mesmas montadoras, que receberam bilhões em subsídios, agora ameacem uma demissão em massa. Mais uma vez, querem jogar o peso da crise nas costas dos trabalhadores.

BARRIL DE PÓLVORA

Os banqueiros internacionais, o imperialismo e a burguesia querem mais. Mais aperto fiscal, mais privatizações, mais juros, mais ataques aos direitos e salários dos trabalhadores. Por outro lado, a situação da economia piora e a tensão interna só cresce e se polariza.

As medidas de transferência de renda do governo, como o Bolsa Família, os novos empregos precarizados e os serviços públicos privatizados já não conseguem, por si só, garantir a paz social. Pelo contrário. Foram essas condições que desataram, em junho passado, a maior onda de mobilizações de rua que esse país já viu.

A insatisfação se generaliza cada vez mais entre a população, que vai percebendo que do jeito que está não pode ficar e exige mudança. A experiência de junho mostrou, ainda, que a saída está nas ruas e vem se desdobrando nas explosões de revoltas populares e das categorias mais exploradas e oprimidos da classe.

Todos às ruas no dia 12 de junho! Na Copa vai ter luta!

Em fevereiro, os garis do Rio deram o sinal. Junto a isso, os operários do Comperj (Complexo Petroquímico do Rio), das refinarias de Cubatão, e mais recentemente, os rodoviários do Rio e de várias partes do país protagonizam verdadeiras rebeliões. Há uma efervescência e uma enorme disposição de luta na classe trabalhadora, cansada com a inflação, as dívidas crescentes e indignada com os gastos com a Copa. Há uma onda de lutas das categorias em campanhas salariais.

É necessário unificar essas lutas, tal como apontou o Encontro Espaço Unidade de Ação "Na Copa Vai ter Luta", realizado em março passado. O encontro reuniu a CSP-Conlutas e vários sindicatos, movimentos sociais e populares e apontou o dia 12 de junho, abertura da Copa do Mundo, como um dia nacional de luta e mobilizações. Só um grande movimento unificado pode garantir, nas ruas, as reivindicações de cada categoria em luta, assim como as bandeiras levantadas em junho. Só a ação direta pode derrotar a inflação, conquistar aumento nos salários e reforma agrária, como forma de baratear o custo dos alimentos para o povo brasileiro.

Só um movimento unificado pode, ainda, derrotar a repressão e a criminalização dos movimentos sociais. É preciso ir às ruas exigir que se pare de dar dinheiro às grandes empreiteiras e à Fifa, e que se garanta mais recursos para saúde, educação, transporte e moradia!

Governo se desgasta, mas direita não é alternativa

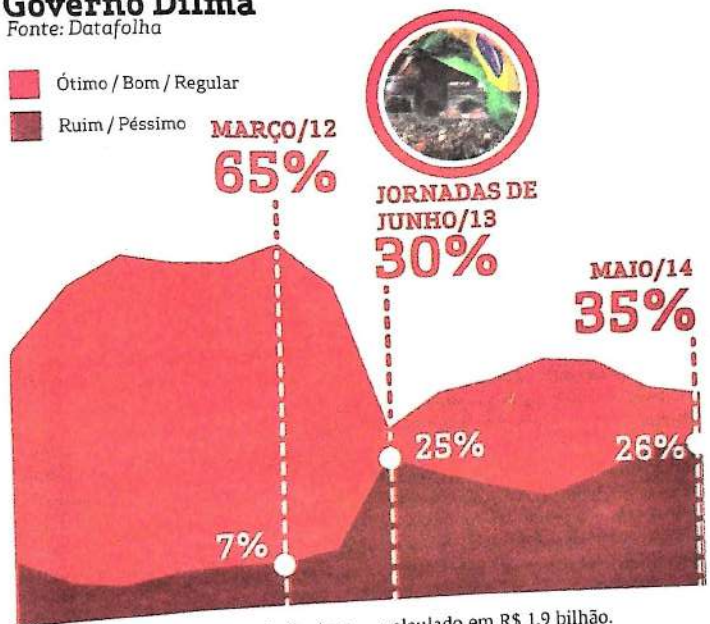
Quase um ano depois das Jornadas de Junho, nada foi feito em relação às principais reivindicações colocadas pelas ruas. Os serviços públicos continuam precários e mesmo a tarifa dos transportes, que foi o estopim para os protestos que varreram o país, está passando por nova rodada de aumentos.

O governo Dilma, que sofreu um desgaste enorme durante as manifestações, conseguiu uma relativa recuperação no decorrer de 2013, mas, neste ano, enfrenta nova queda. A presidente Dilma conta com 37% das intenções de votos, segundo pesquisa do Datafolha divulgada no início de maio. Só para lembrar, logo após junho o governo contava com apenas 31% de aprovação (pouco antes dos protestos, Dilma tinha 55% de aprovação).

Já pesquisa da CNT, divulgada no final de abril, aponta uma piora na avaliação do desempenho pessoal de Dilma, cujo índice está abaixo até de junho. Dos pesquisados, 47,9% aprovam a atuação da presidente, contra 49,3% no ano passado. Tal resultado seria fruto de uma *"deterioração de todos os índices sociais: emprego, renda, saúde e educação"*, segundo o instituto de pesquisa.

No 1º de maio, Dilma realizou um pronunciamento calculado para conter essa tendência de queda, de olho nas eleições de outubro. Anunciou medidas como o aumento do Bolsa Família e a correção da tabela do Imposto de Renda em 4,5%. No entanto, assim como as medidas anunciadas em junho, essas também vão significar alguma melhoria significativa para a classe trabalhadora. A correção da tabela do imposto está muito abaixo da estimativa da inflação para 2014, previsto em pelo menos 6%. E abaixo, também, da defasagem do último período, calculada em 61,42% pelo Sindifisco Nacional. Já o aumento do Bolsa Família vai custar ao governo R$ 1,7 bilhão, menos do que os gastos com repressão e segurança durante a Copa, calculado em R$ 1,9 bilhão.

Avaliação do Governo Dilma
Fonte: Datafolha



DIREITA: MAIS DO MESMO

Com o desgaste do governo, a oposição de direita tenta se lançar enquanto alternativa. Mas, tanto Aécio Neves (PSDB) quanto Eduardo Campos (PSB) e a sua vice Marina Silva, representam a continuidade da mesma política neoliberal dos governos anteriores. Ambos tentam explorar, por exemplo, o escândalo na Petrobras, mas não dizem que foi justamente a política privatista do governo tucano que possibilitou casos como a compra superfaturada da refinaria de Pasadena.

A grande maioria da população percebe isso, o que se expressa na pesquisa eleitoral que, embora aponte uma tendência de queda da candidata à reeleição não traz um conseqüente aumento dos candidatos da direita. Aécio cresceu apenas 4% (de 16% para 20%) após uma superexposição na mídia, e Eduardo Campos patina ainda nos 11%.

Ou seja, apesar do desgaste de Dilma, o povo não quer a volta da direita. Isso se expressa na mesma pesquisa que indica que 74% desejam uma mudança na forma do país ser governado.

UMA ALTERNATIVA DE CLASSE

Isso reforça a necessidade do fortalecimento de uma alternativa operária e socialista para as eleições, que represente as reivindicações colocadas por junho e aponte uma mudança de fato. Isso só vai ocorrer com o não pagamento da dívida pública; investimento maciço em saúde, educação e transporte; aumento geral nos salários; para combater a inflação, e redução da jornada de trabalho, para erradicar o desemprego. Um programa que enfrente os privilégios dos grandes bancos e empresas e faça uma opção clara pela classe trabalhadora. É com esse programa que se compromete a pré-candidatura de Zé Maria à presidência.

CORREIO INTERNACIONAL
LIT-QI
UMA PUBLICAÇÃO DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES – QUARTA INTERNACIONAL

LIT-QI realiza seu II° Congresso e debate desafios da luta de classes

Congresso prepara organização para a disputa política e ideológica do próximo período

SECRETARIADO DA LIT-QI

Realizou-se em São Paulo (Brasil), entre 6 e 12 de abril passado, o 11° Congresso da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI). Máxima instância de direção de nossa Internacional, o Congresso transcorreu no marco de uma realidade rica e dinâmica.

Por um lado, essa realidade está marcada pela continuidade do impacto da crise econômica aberta em 2007. Apesar de não se encontrar em seu ponto mais baixo, especialmente nos Estados Unidos, a crise continua em níveis quase recessivos na Europa e agora atinge com mais força os chamados "países emergentes", entre eles os latino-americanos. Ao mesmo tempo, fica cada vez mais evidente que haverá um estancamento da economia chinesa.

Por outro lado, junto à continuidade de processos da luta de classes que já vinham de anos anteriores, como na Europa (com todas as suas contradições) e no mundo árabe, especialmente Egito e Síria, soma-se o início de uma forte instabilidade na América Latina. Percebe-se o fim da tranquilidade relativa dos anos anteriores, que tinha encerrado o período de turbulência dos processos revolucionários. Tem início uma grave crise ou, pelo menos, um importante desgaste de vários governos de frente popular ou populistas de esquerda que, nos anos anteriores, dominaram sem discussão a cena política continental. Encerra-se assim o ciclo de ascenso desses governos e começa, dentro desse processo, um grande desgaste da corrente castro-chavista.

A esse ascenso da luta de classes devemos incorporar no Brasil, com as "jornadas de junho" de 2013, que expressou a profunda insatisfação de importantes setores da sociedade brasileira.

As características específicas desse último processo, sua "espontaneidade" e as tendências "anti-partido" de setores da vanguarda, só podem ser entendidos a partir da crise de direção revolucionária e a confusão que permanece em muitos setores devido à queda do "socialismo real". Este problema (a crise de direção), na verdade, está presente em todos os processos e explica muitas de suas contradições e desigualdades, como no caso do mundo árabe.

UM NOVO MOMENTO DA LIT

Outro elemento presente no Congresso foi a continuidade do desenvolvimento e crescimento da LIT-QI.

A crise de direção revolucionária e seus reflexos em cada país é o que, em última instância, explica a forma como ocorrem os processos da luta de classes, com suas agudas contradições e desigualdades.

Ao mesmo tempo, como diz Trotsky no Programa de Transição, a resposta a essa crise de direção revolucionária é a tarefa mais estratégica e, ao mesmo tempo, a mais urgente para os revolucionários. Tarefa que a LIT-QI expressa com a proposta de "reconstrução da IV Internacional".

Nesse sentido, a situação mundial vai abrindo cada vez maiores possibilidades de intervenção da LIT-QI e, assim, de crescer e avançar no marco dessa intervenção. O próprio congresso discutiu a necessidade de diferenciar entre os espaços de "intervenção" nos movimentos e de "construção" partidária, que tem suas próprias leis e exigem tarefas específicas.

No marco dessa discussão, constatou-se que a LIT-QI continuou crescendo desde seu último congresso. Ampliou suas áreas de atuação a novos países e regiões. Neste congresso, isso se expressou na incorporação da delegação do Senegal, que só pode chegar após o início das sessões e foi recebida com um grande aplauso. Também nos pequenos, mas "grandes" avanços (já que se partia quase do zero) na intervenção nos processos do mundo árabe, especialmente na guerra civil síria. Ou na presença de um delegado da Turquia, com a nova realidade do país e sua enorme importância como "elo" entre a Europa e o mundo muçulmano.

Por outro lado, também cresceu a inserção e participação de várias de suas seções nos processos da luta de classes (greves, manifestações, confrontos) e outros fatos da realidade, como a legalização e participação eleitoral de várias seções, um sinal de amadurecimento dessas organizações.

Como exemplo, citamos o PSTU brasileiro, ativo participante dos processos de junho de 2013 e impulsionador de uma central sindical, pequena, mas real e dinâmica, a CSP-Conlutas. Ou a participação eleitoral simultânea de três seções centro-americanas (PT da Costa Rica, PST de Honduras e UST de El Salvador).

No caso da Europa, que havia sido votada como prioridade no Congresso anterior, ocorreu um fortalecimento de suas seções, várias das quais participarão das eleições europeias (como o MAS de Portugal e Corriente Roja da Espanha) e intervêm ativamente nos processos de reorganização, como na Espanha (com a participação em Cobas e Hay Que Pararle los Pies) e Itália (onde se impulsiona No Austerity, uma coordenação das lutas).

INTENSAS POLÊMICAS

Esta realidade rica e dinâmica foi objeto de análise ao longo dos diferentes pontos do congresso. E, como não podia deixar de ser, ocorreram debates intensos, resultado de enfoques e percepções diferentes da realidade, que derivam, por sua vez, em diferentes táticas ou propostas de ação.

Assim ocorreu, por exemplo, nos pontos sobre Síria e Egito. Debateu-se o caráter da guerra civil síria, a definição de cada um de seus campos e a posição a adotar diante dela. Discutiu-se a dinâmica geral da revolução no Egito, o significado da tomada do governo pelos militares e como atuar diante da repressão sobre a Irmandade Muçulmana. Outro ponto intensamente debatido foi a melhor tática e forma de organização para lutar contra a opressão das mulheres.

Outros intensos debates ocorreram em torno à situação na Europa, especialmente sobre a melhor tática e programa para intervir nas lutas e fazer avançar nossas organizações. O caso do Brasil e a situação aberta em junho de 2013 foram também objeto de profunda discussão no congresso.

Esses debates, mesmo com divergências, ocorrem no marco de uma profunda unidade estratégica. Fazem lembrar os intensos debates e discussões da corrente bolchevique russa ao longo de toda a sua história, que serviram de base para o partido que dirigiria a revolução de 1917. Expressam uma organização internacional viva e, ao mesmo tempo, mais complexa por sua inserção em diferentes realidades e percepções dessas realidades.

A CONSTRUÇÃO DOS PARTIDOS REVOLUCIONÁRIOS

Outro debate que atravessou o congresso é decisivo para a construção de organizações operárias revolucionárias neste período.

A crise capitalista e o avanço polarização da luta de classes proporcionam aos revolucionários grandes possibilidades de crescimento. Amplos setores da vanguarda operária e juvenil avançam para posições combativas e se radicalizam. Entram nos processos revolucionários com toda sua força e frescor e, ao mesmo tempo, com suas falsas ilusões no "aprofundamento da democracia". Não reconhecem uma referência socialista nem de destruição do capitalismo.

> A ligação com o proletariado é garantia para construir organizações muito sólidas e não sujeitas aos "modismos" ideológicos habituais na esquerda. E também porque nosso modelo de socialismo com democracia operária só pode ser construído com a mobilização permanente e auto-determinada das massas, dirigidas pela classe operária

Sobre esses limites na consciência se apóiam as pressões brutais que a burguesia e seus mecanismos exercem sobre todas as organizações (tanto revolucionárias como centristas e reformistas), na medida em que cresce o espaço para seu desenvolvimento. Isso é inevitável: quanto mais avança uma organização, maiores são as pressões que exercem sobre ela as instituições da democracia burguesa, os processos eleitorais, a mídia, os organismos sindicais.

Isto sempre foi assim, e se aprofunda diante da radicalização da luta de classes. A imensa maioria das organizações de esquerda anti-capitalista, inclusive as que vêm do trotskismo (como o ex- Secretariado Unificado), capitulam a essas pressões, abandonando estratégias, programa e concepção de partido e internacional, transformando-se em organizações eleitoralistas, reformistas, economicistas.

Não se trata de um problema abstrato. Por exemplo, quem assume um cargo sindical, começa a receber pressões para ser "moderado" ou para "não se meter em política". Quem é eleito parlamentar, começa a ter acesso aos meios de comunicação, recursos financeiros à sua disposição, a "ser importante" e receber um tratamento diferenciado, sofre a pressão para conseguir votos a qualquer custo. E isso é ainda mais verdadeiro no que se refere à organizações e a tentação de buscar de "atalhos" para as massas e para a construção do partido.

Isso é o que chamamos de "vendaval oportunista", que levaram muitas delas a capitular ao chavismo há uns anos, como agora o fazem com o Syriza grego, que se intensifica com a evolução da situação, ao qual, na LIT, vimos enfrentando.

Essas pressões, que mudaram o caráter de muitas dessas organizações, incidem também sobre os partidos revolucionários e sobre nós mesmos. O futuro e o caráter de qualquer organização estão determinados por sua capacidade de enfrentar essas pressões. E o primeiro passo para combatê-las é reconhecer que elas existem e identificá-las. Em geral, a capitulação a essas pressões começa pela negação das mesmas.

Não se trata de adotar a estéril "pureza" dos sectários que, para não contaminar-se, não intervêm nos processos. Não temos vocação para "seita".

Trata-se de atuar a fundo, lutando com audácia para que nossas organizações cresçam, avancem, ampliem sua influência, sem abandonar o programa, a política e o caráter de uma organização revolucionária e, ao mesmo tempo, lutando contra essas pressões e esses perigos. Apesar de não existirem receitas ou esquemas, é bom recordar as premissas que Nahuel Moreno sempre indicava às organizações que orientava: "ser mais operário, mais marxista e mais internacionalista que nunca", como um mecanismo diante de todas as pressões da realidade.

A ELABORAÇÃO TEÓRICA E PROGRAMÁTICA

Entre os aspectos assinalados por Moreno, um teve destaque especial: a conclusão de que não poderemos avançar e, ao mesmo tempo, combater as pressões se não partimos de um estudo profundo da realidade internacional e das realidades nacionais. E, a partir desse estudo, avançamos na elaboração de respostas teóricas e programáticas para essa realidade. Em particular, aos novos processos e fenômenos derivados da restauração do capitalismo na ex-URSS e no Leste da Europa.

> Uma das principais definições do congresso da LIT-QI foi votar como tarefa privilegiada o estudo e a elaboração de uma atualização teórico-programática. É nos momentos mais agudos da luta de classes que a batalha ideológica se torna mais necessária

Junto com essa resposta, a elaboração deve estar a serviço da luta ideológica, tanto contra as correntes burocráticas e reformistas, quanto o atraso na consciência das massas em que essas correntes se apóiam.

Muitas vezes se comete o erro de acreditar que a luta ideológica é só para os "tempos tranquilos" e não para os de maior luta de classes. É bom recordar o critério de Federich Engels de que os revolucionários devem sempre impulsionar três tipos de luta: a econômica, a política e a ideológica.

Na verdade, é nos momentos mais agudos da luta de classes que a batalha ideológica se torna mais necessária, porque são os momentos em que nossos partidos têm mais possibilidades de crescer e é mais dura a disputa com as outras correntes.

Um desses aspectos da elaboração é o estudo profundo e permanente das revoluções anteriores. Tomamos, neste sentido, aquilo que ressaltava Trotsky quando dizia que para os bolcheviques teria sido impossível dirigir a revolução russa de 1917 sem haver estudado e refletido profundamente sobre os processos da Revolução Francesa até os acontecimentos de 1905 na própria Rússia.

Consequente com essa análise, uma das principais definições do congresso da LIT-QI foi votar como tarefa privilegiada o estudo e a elaboração de uma atualização teórico-programática. Ao mesmo tempo, resolveu-se destinar importantes recursos, entre fundos e quadros experientes, a essa tarefa e à formação e educação dos membros da Internacional, com seminários e cursos.

A PROLETARIZAÇÃO

Também foi importante reafirmar a necessidade de implantar-se na classe operária, ou seja, proletarizar a Internacional e suas seções, como estratégia de construção que fortaleça cada vez mais nosso caráter de classe e nosso papel como revolucionários.

Novamente com Moreno, a ligação com o proletariado é, por um lado, a única garantia para construir organizações muito sólidas e não sujeitas aos "modismos" ideológicos habituais na esquerda. E também porque nosso modelo de socialismo com democracia operária só pode ser construído com a mobilização permanente e auto-determinada das massas, dirigidas pela classe operária. Assim entendemos a necessidade e "ser mais operários que nunca".

UM FINAL COM ENTUSIASMO

Dessa forma, cansados pela intensidade das sessões e debates, mas satisfeitos pela tarefa cumprida, os delegados e convidados encerraram o congresso cantando os versos da Internacional em vários idiomas. Foi uma forma de dizer: estamos firmes e com grande entusiasmo para seguir a luta, agora melhor armados politicamente depois dos ricos debates e das resoluções precedentes. ■

Anarquismo e reformismo

Último artigo da série Marxismo e Anarquismo

HENRIQUE CANARY, da Secretaria Nacional de Formação

Nos dois primeiros artigos desta série das edições nº 471 e 473 do **Opinião** discutimos a concepção anarquista em relação ao Estado e à economia. Vimos como, desde um ponto de vista de sua estratégia e visão de mundo, o anarquismo se revela, no final das contas, uma corrente romântica e utópica. Agora, a modo de conclusão, tentaremos demonstrar como, apesar das sinceras aspirações revolucionárias de seus defensores, a teoria e a prática anarquistas levam ao mais completo reformismo.

A NEGAÇÃO DA POLÍTICA PELO ANARQUISMO

Os anarquistas rejeitam todo tipo de autoridade, poder e hierarquia. Para eles, o proletariado não deve lutar pela conquista do poder político, mas pela abolição do próprio poder. A conquista do poder político pelo proletariado, segundo o anarquismo, abriria apenas uma nova fase de opressão sobre a sociedade, desta vez exercida em nome da igualdade e do socialismo. Assim, os anarquistas negam a política e admitem apenas a luta econômica ou a "ação direta". Mas o que isso significa?

Para existir e prosperar, uma sociedade precisa produzir, educar, cuidar de seus doentes, desenvolver sua infraestrutura, defender-se de inimigos externos etc. No entanto, ainda que cada uma dessas esferas possa ter certa iniciativa, elas não são nem autônomas, nem independentes umas das outras. Vivemos em uma sociedade complexa e integrada. Por isso, os rumos gerais que essas esferas seguirão serão decididos em uma esfera superior, à qual cada uma das esferas inferiores está subordinada. Esta esfera superior é a política. A política é, portanto, a esfera decisória da sociedade. É o lugar onde as coisas são realmente definidas.

A malha viária do país deverá privilegiar o transporte ferroviário ou rodoviário? A educação deverá priorizar a transmissão das conquistas universais da ciência e da cultura ou a mera preparação para o mercado de trabalho? Gastaremos mais dinheiro com os juros da dívida pública ou com a saúde? Essas questões são chaves para o desenvolvimento do país e não são decididas automaticamente, nem são meramente "técnicas", como a burguesia quer nos fazer acreditar. São questões políticas, decididas na esfera política.

Portanto, a rejeição do anarquismo à política quer dizer simplesmente que os trabalhadores devem abrir mão de opinar sobre estes e outros assuntos. Mas como sabemos, sempre que esses assuntos não são decididos através da luta da classe trabalhadora (com suas ações de massas, suas greves, seus protestos), acabam sendo decididos pelos meios burgueses tradicionais: os gabinetes de políticos, as câmaras de vereadores, as assembleias legislativas, o congresso nacional e o poder judiciário.

> Qualquer iniciativa dissociada de uma estratégia de luta pelo poder é absolutamente inócua e inofensiva para o Capital.

MUDAR O MUNDO SEM TOMAR O PODER?

Há uma ideia, amplamente difundida, de que o poder não deve mais ser um objetivo dos lutadores sociais. Segundo esta concepção, de inspiração anarquista, a verdadeira transformação do mundo não passa mais por um novo poder central. O "verdadeiro poder" se encontraria supostamente "disperso" e "diluído" na sociedade: no bairro onde moramos, na empresa onde trabalhamos, nas relações entre os indivíduos etc. Desta forma, o objetivo de todos aqueles que querem um mundo melhor seria lutar para mudar o "pequeno poder", jamais o "grande poder". Daí que as propostas de como ter um mundo melhor passem sempre, segundo este tipo de concepção, por iniciativas no nível "micro" da sociedade: empresas cooperativas, "economia solidária", formas alternativas de pedagogia, de gestão de recursos naturais em cada domicílio, de mídia etc. Cada uma dessas propostas pode ser correta até certo ponto. No entanto, dissociadas de uma estratégia de luta pelo poder, tais iniciativas são absolutamente inócuas e inofensivas para o poder do capital que, nas últimas décadas, se concentrou e se centralizou mais do que nunca, e, por isso morre de rir quando tentam acabar com ele abrindo uma lojinha colaborativa.

Operários trabalham na fabricação de máscaras do personagem V, protagonista do romance gráfico de Alan Moore. O personagem se tornou símbolo de grupos anarquistas e horizontalistas durante as Jornadas de Junho.

A "AÇÃO DIRETA"

O anarquismo faz uma grande propaganda sobre a "ação direta" das massas, opondo-a à ação institucional dos partidos. Muitos ativistas sinceros acreditam nesta história que, na verdade, não passa de uma grande confusão e um engano.

Ora, os marxistas também encaram a mobilização direta das massas nas ruas como a única e verdadeira ação revolucionária, enquanto a ação parlamentar é sempre, para os marxistas, uma questão de segunda, terceira ou talvez até quarta importância. Se fosse esse o debate, estaríamos todos de acordo. Mas não estamos. E por que?

Porque por "ação direta" o anarquismo não entende simplesmente a ação de rua, a mobilização e a luta direta das massas. Para o anarquismo, a "ação direta" é o ato através do qual uma pessoa (exatamente, pode ser apenas 1 pessoa) muda direta e imediatamente as suas condições de vida. Daí que os anarquistas dêem tanta importância aos pequenos confrontos com forças policiais isoladas, à autogestão operárias em fábricas isoladas, às rebeliões individuais no comportamento e nos costumes. Para o marxismo, esses podem ser fatos importantes, belos exemplos, escolas de luta. Mas não mais do que isso. Para o anarquismo, essas ações individuais, imediatas, "diretas", são a própria estratégia e objetivos do movimento.

A ILUSÃO ANARQUISTA

É óbvio aonde esse raciocínio vai levar: a uma série de políticas e alternativas reformistas que não vão a fundo nos problemas de nossa sociedade porque se recusam a atacar o mal pela raiz, se negam a "sujar as mãos" com a política, a colocar o problema do poder. É óbvio que anarquismo e reformismo não são a mesma coisa. O que dizemos apenas é que o anarquismo tem sido uma fecunda fonte de inspiração para o reformismo de nossos dias, ainda que não seja a única fonte.

Desta maneira, o anarquismo, tão radical em sua forma, tão extremo em suas palavras, desemboca, pela própria lógica de sua doutrina, no mais puro reformismo, no mais completo oportunismo, no culto mais infame e degradante do individualismo e do pacifismo. Em oposição a esta lógica, o marxismo afirma, como sempre afirmou: fora do poder, tudo é ilusão.